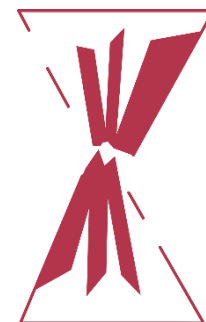


***O Ensino de História a partir de Distopias Ambientais:
Potencialidades pedagógicas da História Ambiental***

***The Teaching of History from Environmental Dystopia: Pedagogical
potentialities of Environmental History***



ARRAIS, Isadora Santos*

 <https://orcid.org/0009-0005-0399-5677>

LOPES, Alfredo Ricardo Silva**

 <https://orcid.org/0000-0003-2884-1701>

RESUMO: Esta pesquisa analisa as interlocuções entre a História Ambiental e a Literatura Distópica Ambiental, por meio de uma análise do livro “A Extinção das Abelhas”, de 2021, da autora Natalia Polesso, através das lentes da Ecocrítica e da História Ambiental. O projeto se justifica em uma nova abordagem para o ensino de História Ambiental, utilizando da literatura distópica para fomentar a consciência ambiental e a consciência histórica para a sala de aula, levando em conta a necessidade de observar a ação humana no meio ambiente como parte das preocupações sobre o futuro da humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de história; didática de história; Literatura; distopia: História Ambiental

ABSTRACT: This research investigates the interplay between Environmental History and Environmental Dystopian Literature, by means of an analysis of the book “The Extinction of Bees” (2021), by Natália Polesso, through the lenses of Ecocriticism and Environmental History. The project is justified by a novel approach to Environmental History teaching, employing dystopian literature to foster environmental and historical awareness in the classroom, taking into account the necessity to observe human agency in the environment as part of the concerns for humanity’s future.

KEYWORDS: History teaching; Literature; Dystopia; Environmental History.

Recebido em: 24/08/2025

Aprovado em: 10/12/2025

* Graduanda de História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH). Membro do Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental da UFSC. Bolsista PIBIC/CNPq. Email: isantosarraais@gmail.com.

** Doutor em História (UFSC). Professor do Departamento de Educação do Campo (UFSC), Programa de Pós-graduação em História e do Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental da UFSC. Email: alfredo.lopes@ufsc.br.



Considerações Iniciais

O trabalho aqui apresentado visa analisar como o livro “A Extinção das Abelhas” (2021), de Natalia Borges Polessio pode ser utilizado como potencial ferramenta pedagógica para o ensino de História. Nesse caminho a História Ambiental é mobilizada para atravessar as teorias historiográficas ambientais, questões da consciência histórica como a finalidade da História, para discutir as características e potenciais da narrativa distópica da obra como um retrato do possível futuro no Antropoceno

História Ambiental

A História Ambiental foi descrita por Donald Worster (1991) como um campo de ampliação da História. De acordo com este autor, ao introduzirmos o meio na história humana, tentamos abolir, ou pelo menos diminuir, a perspectiva de “flutuante” do ser humano, como se não interagisse com o mundo ao redor e como se a sociedade e o meio não organizassem suas realidades entrelaçadas. Deste modo, Worster, além de organizar um breve histórico da História Ambiental, reúne e concretiza as três etapas para a perspectiva socioambiental na pesquisa e escrita histórica: a compreensão da natureza nativa do local, incluindo o papel do humano; como o avanço técnico humano, principalmente socioeconômico, afeta o meio; e, finalmente, como as lógicas sociais e intelectuais da humanidade afetam sua visão direta sobre o meio natural.

As três instâncias descritas por Worster não se isolam, e sim se relacionam, fortalecendo a análise histórica de modo a observar a realidade humana como entrelaçada ao chamado “mundo natural”, buscando eliminar a dicotomia entre ser humano e natureza. Em uma tentativa de melhor ilustrar a necessidade de eliminar tal bifurcação, José Augusto Pádua (2010) apresenta o seguinte exemplo:

A visão de que a forte aridez e desertificação de algumas regiões do Oriente Médio foi, ao menos em grande parte, produzida pela ação humana na longa duração vem sendo corroborada por pesquisas recentes no campo da história ambiental. Algo semelhante pode ser dito do território da Líbia, antigos fornecedores de grãos para Roma. O avanço do deserto foi impulsionado por práticas agrícolas destrutivas (Hughes, 1981). É interessante observar que mais tarde, já de volta ao Brasil e no contexto pós- independência, José Bonifácio de A. e Silva (1973, p.103) retomou a leitura histórica dos problemas ambientais ao defender que a continuidade de uma agricultura escravista e tecnologicamente rudimentar acabaria por transformar “o nosso belo Brasil”, em “menos de dois séculos”, nos “paramos e desertos áridos da Líbia”. (Pádua, 2010, p. 85).

Com essa reflexão sobre a ação humana atingindo o ambiente ainda na Antiguidade, Pádua busca explicar como, mantendo essa visão, nega-se o entrelaçamento entre humano e ambiente, a realidade da influência mútua dentro do sistema planetário. É impossível que a sociedade isole a realidade humana do local, geográfico, biológico e temporal, que ela se localiza. Este é o ponto central da visão ambiental da História. Luís Fernando Cerri (2011), em seu livro “Ensino de História e Consciência Histórica”, afirma e reafirma a necessidade de compreender a importância da educação ambiental histórica, para a construção de uma consciência histórica:

A consciência histórica enraíza-se, pois, na historicidade intrínseca à própria vida humana prática. Essa historicidade consiste no fato de que os homens, no diálogo com a natureza, com os demais homens e consigo mesmos, acerca do que sejam eles próprios e seu mundo, têm metas que vão além do que é o caso. [...] Na atualidade, pensando em termos do Protocolo de Kyoto, além de evitar que o desenvolvimento econômico ilimitado, equilibre tornado modo de vida de classes sociais e países inteiros, de antes o ambiente e inviabilize a vida humana na Terra. (Cerri, 2010, p. 29- 30).

Conectando as ideias de Worster, Pádua e Cerri, percebemos a realidade do historiador no mundo contemporâneo. A crise ambiental é também uma crise social, e o professor de história, como parte fundamental da construção desta consciência histórica crítica, carrega o assunto da ação humana na natureza e sua influência drástica para a percepção dos estudantes sobre o mundo, principalmente nos últimos 350 anos, após a Revolução Industrial. A possibilidade do Antropoceno torna de extrema importância a abordagem da História Ambiental em sala de aula.

História e Literatura

Antes de pensarmos as relações entre Literatura e História, buscamos compreender o entrelaçamento entre Literatura e o Ambiente (social e geográfico). Em seu livro “Literatura e Sociedade” (2014), Antônio Cândido discorre sobre a relação triangular entre autor, obra e público, onde os elementos se influenciam mutuamente. O encadeamento da tríade se manifesta como algo progressivo, onde todos os fatores se modificam mutuamente e assim caminham para diferentes transformações. Candido (2014) descreve como o público exprime os valores e críticas, validando ou não, a obra e o artista. O autor, não isolado de seu

espaço e tempo, é um reflexo da sociedade onde vive e escreve a partir de suas experiências, e sua obra se desenvolve da junção dos valores e reflexões do artista sobre o social, também influenciando o social e outros artistas.

Percebe-se então, que nenhum dos três fatores está, de qualquer maneira, isolado dos outros. Mas, pensando nesse sistema aparentemente fechado, onde entra o meio ambiente? Relembrando Worster e Pádua, percebemos que não precisamos introduzi-lo no sistema, pois a natureza é inerente da existência da vida. Pensar História Ambiental é compreender que o meio atravessa as questões sociais, não importando se foi ignorado pelo humano e agora se torna objeto de análise novamente. Para aprofundar a teoria do uso da literatura na História ambiental, dois autores principais serão utilizados: Hans Robert Jauss (1994) e Alfredo Ricardo Silva Lopes (2022).

Jauss (1994) desenvolve sua teoria a partir da crise das abordagens tradicionais da História da Literatura, afirmando que tanto a visão marxista quanto a escola formalista são ultrapassadas e obsoletas em seus usos. Para o autor, a linha marxista ignora as escolhas estéticas do autor e o formalismo russo ignora a realidade material do autor e da obra. Pensando sobre essas questões, utilizamos a metodologia de Hans Jauss, que mobiliza a Estética da Recepção, concentrando na perspectiva da relação entre a obra e a população que a recebe, e como este relacionamento se modifica com o passar do tempo e da introdução de novos meios de comunicação. (Jauss, 1994, p. 9-15)

Por seu turno, Alfredo Lopes (2022) aborda diretamente sobre a literatura de distopia ambiental como objeto de estudo na História Ambiental. Em seu trabalho “Representação da Crise Ambiental em Não Verás País Nenhum (1981) e O Conto da Aia (1985)”, de 2022, o autor mobiliza a ideia de Sociedade de Risco, de Ulrich Beck (2011), e a Ecocrítica para trabalhar o ambientalismo e História Ambiental presente na Literatura. Em relação à Sociedade de Risco, esta ideia afirma a existência de um sintoma da sociedade industrial predatória, a degradação ambiental, que leva o ser humano a viver em constante alerta e uma crescente do ambientalismo e da História Ambiental.

Produção Literária e Distopia Ambiental no Antropoceno

A Distopia é um gênero que se opõe à Utopia, essa sendo uma ideia conceituada por Thomas Morus, em 1516, onde é descrita uma sociedade em perfeito funcionamento – para

o século XVI. A partir deste livro, utopia passa a significar um sonho social, onde tudo funciona de forma idealizada. A Distopia seria seu antônimo, seu oposto perfeito, uma descrição de sociedade onde tudo é “demasiado mal para ser praticável (Lopes, 2020). Alfredo Lopes, em seu trabalho “O Regime de Historicidade Distópico: tempo e natureza em Não Verás País Nenhum de Ignácio de Loyola Brandão”, de 2020, pontua algo bastante interessante: a distopia é pautada em questões sociais reais observadas, enquanto a utopia é uma idealização, mas ambas as nomenclaturas têm papéis políticos.

Focando na distopia, é uma projeção do que o autor enxerga que a sociedade onde ele vive poderá se tornar (Lopes, 2020). Exemplo clássico desta categoria literária está no livro 1984, de George Orwell, publicado em 1949. Um autor que observa os horrores dos regimes totalitários e vai à guerra ser soldado das linhas de frente, escreve um livro sobre sociedades controladas por completo, onde até mesmo o seu pensamento se torna problemático e onde a linguagem é restringida ao extremo para uma suposta “efetividade máxima”, que mascara o controle de massas através do medo e da falta de liberdade. Quando pensamos possibilidades assustadoras para o futuro mundial no séc. XXI, outra realidade emerge cada vez mais: a destruição da natureza como conhecemos e nos adaptamos, por nós mesmos.

A Distopia Ambiental se caracteriza por centralizar este tema e perguntar: o que acontece quando esgotamos e modificamos o nosso meio? Pensando o Antropoceno, onde a humanidade se torna fator modificador do planeta, a Literatura responde demonstrando possibilidades para o que poderá vir a ser a realidade humana, partindo das interpretações de cada autor. Não são profecias, mas caracterizam-se pela exacerbação de características observadas na contemporaneidade, o que leva a uma aterrorizadora impressão de tragédia eminente. Alfredo Lopes afirma que: “A distopia não mostra soluções, é pessimista em sua premissa básica, mas sempre há uma lufada, uma ponta de esperança ou consciência, levada a cabo por um grupo de pessoas ou pelo protagonista.” (Lopes, 2010, p. 207). Como a Caixa de Pandora¹, o protagonista carrega consigo uma pequena esperança, que raramente se enraíza e cresce, mas permanece como uma semente, aguardando por uma oportunidade. A

¹ Na mitologia grega, Pandora foi a primeira mulher criada pelos deuses, dada à Epimeteu como “presente”, em reprimenda pela façanha de seu irmão, Prometeu, por este ter roubado o fogo. Consigo, Pandora carregava uma “caixa” (mais provavelmente um vaso grego) com tampa lacrada, à qual ela não tinha permissão de abrir. Em sua curiosidade, Pandora abre o jarro, deixando escapar todos os males conhecidos pelo ser humano, como guerra e doença. Dentro do vaso sobra apenas a esperança, que iria embora apenas com a permissão de Pandora. É deste mito que nasce a frase popular “a esperança é a última que morre” (Bulfinch, 2013, p. 39-49).

Distopia Ambiental no Antropoceno, portanto, trabalha o que a sociedade poderá ser ao seguirmos com um predatismo exacerbado que caracteriza o sistema capitalista e colonial que perdura até hoje, a partir da visão e realidade do autor que trabalha a obra.

Análise da Fonte

A partir dos autores levantados, como Donald Worster, José Pádua, Alfredo Lopes e Hauss Jauss, será analisado neste trabalho o livro “A Extinção das Abelhas”, de Natália Polesso (2021). A autora é doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS, e tem um Pós-doutorado em Teoria da Literatura pela PUCRS (2017), e atualmente é pós-doutoranda também na PUCRS. A autora realiza pesquisa em nível acadêmico sobre diversos temas, tendo publicado em 2024, no “Dossiê: A Literatura no fim dos tempos: poéticas negativas no Antropoceno”, seu artigo sobre “A Literatura como dispositivo Antropocênico: considerações acerca do processo criativo em *Corpos Secos*, *A Extinção das Abelhas* e *Perfeita Tecnologia*, de Natalia Borges Polesso”.

De uma consciência ambiental acurada, a autora escreve seu livro “A Extinção das Abelhas” (2021) centrada no colapso da sociedade. Preocupada com as questões ambientais percebe-se neste livro que a natureza finalmente invade todos os sentidos da vida social, mas não unicamente por sua presença, mas também por sua ausência. Um mundo onde as abelhas, principais polinizadoras, foram extintas e as Big Techs ainda afirmam que a tecnologia veio para superar o natural agora enfrenta a dura realidade: ricos vão ao supermercado e cercam seus bairros, pobres catam lixo e comem refeições meio apodrecidas e sem sementes. Em meio ao colapso da produção de alimentos e desestabilização do meio ambiente pela ação humana, acompanhamos a história de 2 mulheres.

Atravessando a obra, observamos as vidas paralelas de Regina e Guadalupe, filha e mãe. Regina é apresentada como uma mulher órfã, diabética e gorda, sofrendo no que só pode ser caracterizado como a queda da sociedade brasileira como conhecida. Através de perdas de emprego, prostituição e o perigo crescente de ser mulher em uma sociedade patriarcal onde as leis se tornam cada vez mais obsoletas, o sofrimento de Regina é nítido. A sociedade se desmonta como consequência da degradação ambiental antropogênica, tendo os meios de produção atravessado os limites da natureza, tornando a terra infértil e o meio nocivo para a vida humana.

Passando à narrativa de Guadalupe, atravessamos uma extensão maior de tempo com esta personagem, indo desde sua fuga com o circo e abandono de Regina até a sua morte. Em suas viagens, percebemos a permeabilidade da falsa dicotomia entre humano e selvagem², com “Lupe” assumindo o papel de Monga, a mulher-gorila. Além desta representação de uma bestialização da mulher, as vivências da mãe de Regina se mostram intimamente ligadas à problemáticas sociais que afetam como o ser humano passa a experienciar o mundo, o distanciamento e frieza. Um exemplo disto é o comentário de uma conhecida sobre o assassinato de um homem gay ter ocorrido pelo seu “tipo de conduta”. A desconexão das pessoas com aquele acontecimento, dentro da narrativa, reflete a desconexão da sociedade com diferentes problemáticas em seu entorno.

O livro carrega uma série de debates intensos e diretos do que há de errado observado pela autora na vida social que temos. O colapso ambiental não só embasa – em uma ideia de que fica de pano de fundo – mas ativamente participa da narrativa, mostrando página a página como uma sociedade humana não se sustenta com as agressivas modificações que constroem o que chamamos de Antropoceno. As modificações genéticas, a devastação de florestas e da apicultura ilustram as ações cada vez mais violentas nos últimos 350 anos, após a Revolução Industrial, e nos últimos 70 anos após a Revolução Verde.

A utilização de insumos agrícolas modifica a terra e torna necessária cada vez mais componentes químicos nocivos na produção de alimentos, afastando o processo da naturalidade do mesmo, tornando-o insustentável à longo prazo (Gliessman, 2009). O Antropoceno atravessa o livro, perfeitamente ilustrado na ilusão de usar “tecnologia [para] superar a natureza” (Polesso, 2021, p. 17-18), o entendimento da humanidade como algo deslocado do meio natural, é destruído pelo impacto da própria ação humana no ambiente, capaz de mudar a geologia mundial de tal forma a escapar da destruição derradeira de suas ações prévias. O aviso sobre o Antropoceno e a incapacidade de fuga é claro: se permanecermos subestimando a destruição causada por nós à natureza, os extintos seremos nós.

Este “nós” não carrega uma igualdade de responsabilidade da destruição. Mas sim um nós contra a ignorância seletiva. Ignorar a ciência e os que pesquisam sobre o assunto e

² Tal dicotomia é debatida e desencorajada por José Augusto Pádua, que reafirma as relações intrínsecas entre ser humano e o meio. Para este autor, assim como argumenta Donald Worster, a observação do ser humano deve partir do seu papel dentro do ecossistema, e não de uma visão destacada deste.

acreditar nos que lucram com a destruição é o caminho perfeito para entrarmos no universo de “Extinção das Abelhas”. A autora descreve a inauguração do colapsômetro³ (Polesso, 2021, p. 25), um show que distrai as pessoas sobre o real problema.

Quando olhamos para o momento em que a autora escreve, entre 2016 e 2020, vemos recordes de desmatamento, enfraquecimento dos órgãos de regulamentação ambiental, como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), que auxiliados causaram a perda da diversidade. Além dessas questões amplas, a própria Natália, como mencionado antes, levanta dados sobre a destruição ambiental no Brasil. Ao mesmo tempo, a autora critica o governo após 2018, que se pauta e se enfeita com polêmicas enquanto estruturava medidas como a PL 2159/2021, apresentada pelo partido PL, partido do ex- presidente Jair Bolsonaro, aprovada no Senado em 2025 por 267 votos a favor e 116 contra, que retira a obrigatoriedade de licenciamento ambiental por órgãos ambientais públicos competentes.

O livro de Natália Borges Polesso traz, de modo alegórico, os medos de uma mulher no Brasil do séc. XXI, acadêmica e politicamente atenta, escrevendo sobre a, atualmente, maior probabilidade de extinção da raça humana. Foi recebida com aplausos, preocupação e choque, um livro que ensina, que esclarece e que nos mostra possibilidades obscuras do futuro. Indicado ao 64º Prêmio Jabuti e finalista em sua classificação, o livro se tornou alvo de diferentes pesquisas que analisaram o perigo do esgotamento ambiental, como a realidade escorre para a literatura e as relações entre o capitalismo predatório e a crise climática.

Por fim, ao tratarmos da literatura como apoio didático, faz-se necessária uma aproximação da obra com a Base Nacional Comum Curricular. Quando trabalhamos uma perspectiva de carregar “A Extinção das Abelhas” (Polesso, 2021), para a sala de aula, seria para o Ensino Médio, considerando a faixa etária indicada para o livro (+15). A obra analisada torna possível o debate sobre ética produtivista, cultura, natureza, política e trabalho, todos pontos essenciais elencados pela BNCC para o ensino de Ciências Humanas (BNCC, 2018).

Citando diretamente as competências específicas das Ciências Humanas, a BNCC (2018, p. 571) aponta como necessário aprender à:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de

³ “[...] enorme termômetro, que marcava a ‘temperatura’ de vários índices em vários lugares do mundo. Os limites tinham que ser respeitados por todos. [...] As abelhas eram um dos principais índices que o colapsômetro contabilizava.” (Polesso, 2021, p. 25-26).

procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (Base Nacional Comum Curricular, 2018, p. 571).

E ainda, observando as habilidades desta competência específica:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais (Base Nacional Comum Curricular, 2018, p. 572).

Fica evidente, portanto, que a abordagem e trabalho de diferentes narrativas, a Literatura inclusa, é incentivado pela Base Nacional Comum Curricular, tanto como método de abordagem de diferentes temáticas como parte do processo de pensamento crítico dos estudantes. Aqui defende-se então a instrumentalização da Literatura como fonte do ensino de História, uma porta de abertura para tópicos complexos e parte integral da construção de cultura da sociedade, e portando documento a ser analisado e problematizado pela população, iniciando em sala de aula. Para além, compreende-se que, dada a crise climática que se acirra, livros com temáticas associadas à degradação climática tornam-se essenciais para uma conscientização populacional.

Considerações Finais

Quando tratamos de ensino e educação, tendemos a nos prender na clássica apresentação de documentos e repetição de conteúdo. O livro de Natália Polesso escancara em suas páginas as críticas ambientais ao governo e às indústrias, que valorizam mais o lucro do que a sobrevivência, assim como aponta o dedo ao pensamento social recorrente, onde o ser humano enxerga a natureza como um bem material e eternamente explorável. Diversas outras críticas são feitas, em relação a muitas outras violências, mas o livro demonstra a possibilidade de utilizar de uma literatura acessível, brasileira e crítica para o ensino de História Ambiental, carregado de analogias e imagens que se embasam nos processos que se desenrolam hoje no Brasil, possibilitando o maior interesse e apreensão dos estudantes em relação à crise ambiental urgente que o mundo enfrenta.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.
- CERRI, Luiz Fernando. *Ensino de História e Consciência Histórica*. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2011.
- GLIESSMAN, Stephen R. *Agroecologia: processos ecológicos na agricultura sustentável*. Porto Alegre: Ufrgs, 2009. 656 p.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LOPES, Alfredo Ricardo Silva. Representação da Crise Ambiental em Não Verás País Nenhum (1981) e O Conto da Aia (1985). *SÆCULUM – Revista de História*, João Pessoa, v. 27, n. 47, p. 139-152, jul./dez. 2022.
- LOPES, Alfredo Ricardo Silva; SILVA, Franco Santos Alves da. O REGIME DE HISTORICIDADE DISTÓPICO: tempo e natureza em não verás país nenhum de ignácio de loyola brandão. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 13, n. 1, p. 194-217, jul. 2020. Semestral.
- MORUS, Thomas. *Utopia*. São Paulo: Edipro, 2014. 2014 p.
- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 416 p.
- PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 68, 2010.
- POLESSO, Natalia. *A Extinção das Abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 31 p.
- POLESSO, Natalia Borges. A Literatura como Dispositivo Antropocênico: considerações acerca do processo criativo em *Corpos Secos*, *A Extinção das Abelhas* e *Perfeita Tecnologia*. *Abusões*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 24, 2024. DOI: 10.12957/abusoes.2024.81825. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/abusoes/article/view/81825>. Acesso em: 31 jan. 2026.
- Sem Abelha Sem Alimento (org.). *Arquivos de Morte*. 2025. Disponível em: <https://www.semabelhasemalimento.com.br/tag/morte-de-abelhas>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- SUVIN, Darko. *Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre*. New Haven: Yale University Press, 1979, p. 317.
- WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, jan. 1991.